

FERNANDO MOUTA

---

Notícia sôbre um curioso tambor  
dos Mussucos (Lurêmo) Angola

---

**Extracto das Actas do I Congresso  
Nacional de Antropologia Colonial**



Edições da  
1.ª Exposição Colonial Portuguesa  
Pôrto — 1934

19(673)



*Tambor da soba N'guria-cama (Lurêmo)*

## Notícia sôbre um curioso tambor dos Mussucos (Lurêmo) Angola

Quando visitei a Missão Católica do Lurêmo, o Reverendo P. Lemaillox falou-me de um célebre tambor da *N'guria-cama*, rainha dos Mussucos que outrora gosava de grande prestígio na região.

D. João Evangelista de Lima Vidal, no seu livro *por Terras de Angola*, dá uma breve história dêste sobado feminino, que transcrevo:

*« Houve tempos em que a gente do Nzovo ameaçava a paz do Mussuco. Andava o alarme naquelas povoações ribeirinhas. Até que um dia finalmente, travou-se a luta numa sanzala de menor importância onde reinava uma mulher. A sorte foi adversa aos invasores que deixaram no campo de batalha um montão de cadáveres, entre os quais o do próprio Nzovo, e um tambor monumental onde o inimigo rufava audazmente os seus malfadados ardores marciais. Daí por diante, em memória de tão excelente feito de armas e para eterna consagração daquela que assim bateu com mão forte o soberbo Nzovo, a sucessão do sobado ficou in perpetuum na descendência feminina, teve sempre uma rainha. Essa princesa adquiriu para si e para os sucessores o título excelente e harmonioso de N'guria-cama ou mãe dos cem, e as honras públicas de soberana da gente mussuca ».*

Ferreira Diniz, nas *populações indígenas de Angola* dá a pág. 201 a mesma história do sobado e a referência do monumental tambor.

Dêste tambor conseguimos a Est. I e mais algumas indicações sôbre a sua história, contadas por uma parente do grande soba do Quiambamba, também Mussuco, que falava correctamente a nossa língua.



Fig. 1—A soba *N'guria-cam.* (*Lurêmo*) com as suas insígnias de sobado

Confirmando plenamente a origem que lhe é atribuída por D. João de Lima Vidal, conquistado aos Lundas do Nzovo, com quem confinam a Nordeste, numa das suas batalhas, passou a ser uma das insígnias do sobado; (fig. 1) no tempo do prestígio da grande soba indígena, bastava nêle mandar tocar para que à sua volta

acordessem as sanzalas próximas, com ofertas e prontas a receber as suas ordens.

Hoje, desrespeitada e perdida tôda a autoridade, o tambor não tem sequer cobertura e jaz abandonado a um canto da sua pobre libata.

Também o nosso informador nos assegurou que êle funcionava com *pele humana*, e que para isso se sacrificava um inimigo, Lunda ou Hôlo, tendo assim um significado macabro o prestígio de outrora.

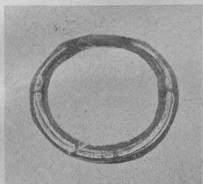


Fig. 2— Colar de cobre da  
soba N'guria-cama (Lurêmo)

As suas dimensões são invulgares, muito maiores que o normal nestes instrumentos, e a sua madeira é negra mas devido possivelmente à acção do negro do fumo. A linhas gerais e a simplicidade do ornato tornam esta peça realmente notável.

O Sr. Manuel Dias Gaspar, aluno da Universidade do Pôrto, que fêz estudos de etnografia na Exposição Colonial, observou-me, recentemente e a nosso ver muito bem, a possibilidade de uma estilização fitomórfica dêste ornato, levada pelo artista do nosso tambor até ao geometrismo. Para essa afirmação vê como que uma transição nos desenhos gravados num outro tambor figurado por Henrique de Carvalho, na *Expedição Portuguesa ao Muatiânvua* (vol. Etnografia, pág. 377).

Além dêste tambor *N'guria-cama* tem ainda outras duas insígnias de sobado: um colar de cobre metálico representando uma cobra enleada <sup>(1)</sup>, da Fig. 2, e um sino duplo a que chamam *Lubembe*.

(1) Nome gentílico: *Kissanda*.

